

DIMENSÕES DO TRABALHO COM ORFANAS: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO UM

Lúcia AFONSO

Ana Carolina ANDRADE

Cássia Beatriz BATISTA

Romina M. Magalhães GOMES

O Grupo Um integrou a nossa pesquisa sobre Oficinas em Dinâmica de Grupo, realizada com grupos de pais de adolescentes em uma escola pública. Era de nível sócio-econômico baixo e teve uma frequência média de 5 pessoas por encontro, em um total de 8 encontros. Ao relatar essa experiência, vamos enfatizar as diferentes dimensões nas quais se baseia a construção de oficinas: terapêutica, pedagógica e ética. Orientadas por esse tripé, buscamos assumir uma postura em que se tornassem claros os objetivos de nosso trabalho, estando sempre atentas aos limites nele implicados.

Tratava-se de uma proposta que aconteceria em um curto espaço de tempo - oito encontros, de aproximadamente duas horas, um a cada semana, ao longo de dois meses. Era, pois, necessário que fizéssemos um recorte, de modo a poder tratar as questões surgidas no grupo dentro de seus limites temporais e técnicos, sem suscitar a ilusão de sua continuidade. Isto não foi tarefa simples, como veremos adiante.

As oficinas tinham como foco central a forma como os pais experienciavam a relação com seus filhos adolescentes. O objetivo do trabalho não era o de passar informações descontextualizadas, tampouco se tratava de oferecer uma receita de como lidar com seus filhos. Nossa proposta era criar um espaço de reflexão e de trocas de experiência que propiciasse a construção de um saber a partir do próprio grupo.

No que se refere à dimensão terapêutica, as oficinas buscam promover a elaboração de sentimentos, pensamentos e formas de agir. Falar sobre a interação com os filhos envolve falar sobre a própria vivência, o que remete à subjetividade de cada um, favorecendo processos de elaboração. Em nossa experiência, conciliamos a proposta de discutir a relação entre pais e filhos adolescentes com os conflitos pessoais que os integrantes do grupo traziam e que, de algum modo, afetavam esta relação. Tais conflitos giravam em torno de conteúdos ligados à infância e adolescência dos pais, vivências sexuais e relacionamento do casal.

Ao lado dessa possibilidade de elaboração, que caracteriza a dimensão terapêutica, encontra-se a dimensão pedagógica. Torna-se necessário, no

trabalho com oficinas, que a coordenação tenha disponível conhecimentos que possam alimentar as discussões e trazer esclarecimentos que ajudem a assumir posturas mais autônomas e menos mitificadas. Mas, ter essas informações, somente, não basta. Uma articulação entre as informações levadas pela coordenação e as experiências relatadas pelo grupo foi a maneira encontrada para diminuir a distância existente entre conhecimentos e experiência. Buscamos, assim, uma contextualização das informações na experiência, nos momentos de fechamento de cada encontro, que designamos "palestras interativas".

1. A formação do grupo

O trabalho com oficinas foi divulgado, inicialmente, em uma palestra sobre adolescência, realizada na escola em que desenvolvíamos o projeto. Os pais que se interessaram pela proposta preencheram uma ficha que nos permitiu dividir os grupos segundo os critérios de nível sócio-econômico e disponibilidade de horários, conforme a pesquisa exigia.

O Grupo Um foi composto por pessoas de nível sócio-econômico baixo. Iniciou-se com sete membros, tendo contado, no segundo encontro, com cinco, dos quais permaneceram quatro até o último encontro. Das pessoas que estiveram presentes ao primeiro encontro, havia um casal que estava se separando e poderia utilizar aquele espaço de uma forma diferente da proposta do grupo. As coordenadoras ofereceram ao casal, no segundo encontro, a alternativa de frequentar grupos diferentes. Eles preferiram permanecer no mesmo grupo. Porém, com o decorrer dos encontros, um deles desistiu. Percebemos que aqueles que não estão comprometidos com a proposta da Oficina podem desistir. Pode acontecer que algumas pessoas desejem tomar o espaço da Oficina para tratar de problemas que não estão relacionados à sua temática geral. A coordenação deve estar atenta para perceber e encaminhar, quando necessário.

2. O planejamento dos encontros

O planejamento dos encontros tinha o objetivo de orientar o trabalho de coordenação, não devendo, no entanto, ser rígido. Ao contrário, era preciso contar também com os imprevistos que poderiam surgir, relativos, por exemplo, à disponibilidade e aceitação do grupo quanto às técnicas, ou às condições físicas do local onde as oficinas aconteciam.

O planejamento seguiu a estrutura proposta em Afonso (2000), que prevê o levantamento junto ao grupo de temas de seu interesse e, em cada

encontro, três momentos, com ou sem o uso de técnicas: (a) uma momento de aquecimento ou relaxamento (b) a introdução do tema, discussão e um fechamento do tema feito, em geral, através de "palestras interativas" e, finalmente, (c) uma avaliação do encontro.

No que se refere à co-ordenação do grupo, notamos a importância de estarmos à vontade na condução das técnicas. Foi decidido, então, que cada uma das coordenadoras aplicaria aquela técnica com a qual tivesse mais afinidade, tendo havido, dessa forma, uma alternância entre as coordenadoras num mesmo encontro, o que era combinado a cada planejamento.

3. O desenvolvimento dos encontros

Consideramos relevante detalhar o relato do primeiro encontro, visto ser este, ao menos potencialmente, um desencadeador dos processos grupais e, de certa forma, o norteador para o processo de oficinas como um todo, já que dele procuramos extrair os temas de interesse do grupo. Assim, com relação aos demais encontros, buscaremos destacar apenas os aspectos mais importantes para o cumprimento de nosso objetivo neste artigo: relatar a experiência na medida em que ela pode nos ajudar a refletir sobre as possibilidades e dificuldades encontradas.

Para o *primeiro encontro*, o planejamento se deu da seguinte forma: apresentação das coordenadoras e da proposta de oficinas (contrato); apresentação dos membros, realizada em três tempos: no primeiro, cada membro diria seu nome e uma característica sua. No segundo momento, formariam duplas, apresentando-se, falando um pouco sobre suas famílias e sobre as razões que motivaram sua vinda para o grupo. Num terceiro momento, cada um apresentaria seu parceiro de dupla, transmitindo ao grupo o que foi conversado.

Numa segunda etapa, as coordenadoras buscaram levantar os temas de interesse a ser trabalhados ao longo do processo de oficinas, bem como definir um cronograma. Finalmente, seria feita uma "palestra interativa" sobre o tema adolescência.

A fase de apresentações aconteceu de acordo com o planejamento. Nesta fase, as pessoas trouxeram os motivos que as fizeram procurar o trabalho em grupo. O discurso da maioria delas continha a expectativa de que ali poderiam aprender mais sobre como lidar com os filhos adolescentes. No entanto, havia um outro aspecto que não foi explicitado e que coube às coordenadoras pontuar. Tratava-se de um constrangimento em falar, principalmente com os filhos, sobre assuntos relacionados à sexualidade. Evidenciou-se, nesse momento, que haviam dificuldades dos pais com a própria sexualidade e afetividade.

Surgiu, assim, um primeiro desafio: o de manter nossas intervenções dentro dos limites propostos no trabalho com oficinas. Não deveríamos ficar somente no plano de transmissão de informações nem nos propúnhamos a fazer psicoterapia com aqueles pais.

Propusemos, então, ao grupo que buscássemos, durante o tempo que tínhamos pela frente, uma construção de conhecimentos que envolveria a experiência de cada um.

Na fase de apresentações já se manifestaram alguns fenômenos grupais. Foi o caso da identificação que ocorreu entre duas mulheres durante a segunda técnica, de apresentação em duplas. Uma delas afirmou, ao apresentar a parceira para os demais: "minha história é igualzinha à dela". O grupo demonstrou também acolhimento a um depoimento dramático de um pai que tivera seu filho adolescente preso. Isto tornou-se ainda mais claro na etapa de levantamento de temas, quando um dos membros sugeriu o tema "tratamento social da adolescência" em solidariedade à história trazida por esse pai.

Outros temas foram sugeridos a partir da discussão anterior sobre o motivo que os fez aderir à proposta de oficinas. *Sexualidade e afetividade* foram os temas que suscitaram maior interesse, seguidos de *agressividade e violência*. Além desses, foram também sugeridos: *o adolescente e o grupo*, envolvendo a questão das "turminhas" e das "más companhias"; *adolescência ontem e hoje*, incluindo a influência dos meios de comunicação de massa; *uso e abuso de drogas* e a educação dos filhos, envolvendo a questão dos *limites* e do respeito.

Decidimos, neste momento, junto ao grupo, por não definirmos previamente um cronograma, colocando-nos, dessa forma, flexíveis à direção que o grupo desejasse dar às discussões e à sequência dos temas.

A palestra interativa sobre adolescência foi realizada com o envolvimento do grupo no levantamento das características dos adolescentes e sob a forma de exemplos da experiência de alguns. Percebemos que um dos membros tentou impor ao grupo seu ponto de vista, carregado de valores morais, sobre como se deve agir com os filhos adolescentes, principalmente no que toca a sexualidade e a afetividade. Diante dessa situação, o próprio grupo encontrou uma maneira de se contrabalançar, oferecendo pontos de vista distintos.

Consideramos que, nesse primeiro encontro, iniciou-se uma formação de vínculos, demonstrada, por exemplo, nas identificações entre alguns dos membros e no acolhimento oferecido aos relatos de experiência. Observamos que esse processo, de certa forma, será consolidado, ao longo dos demais encontros.

Para o segundo encontro, o tema proposto foi *adolescência ontem e hoje*. Como a própria expressão "adolescência ontem" indica, esse tema envolveu a vivência de cada um da própria adolescência. Foi um encontro com características particularmente diferenciadas, o que ficou marcado por dois aspectos:

O primeiro deles diz respeito à participação de um novo membro. Retomamos as apresentações, para que esse novo membro, que iremos chamar de Maria, pudesse se integrar no grupo, colocando o motivo de sua vinda. Maria reteve a atenção do grupo durante um considerável tempo, com uma fala impactante, sobre seu modo de agir com a filha, que incluía violência física. Para falar de seu modo de agir com a filha, usava uma linguagem elaborada que contrastava com a do restante do grupo. Ela parecia buscar uma legitimação para os seus pontos de vista através de referências a leituras que havia feito. Além disso, passou a emitir opinião sobre o que os outros traziam. Maria não voltou nos encontros subsequentes mas de certa forma esteve presente: o grupo, por várias vezes, referiu-se a ela como a que parecia ter muitas coisas a dizer... Que tipo de mal estar teria suscitado? Esse aspecto não pudemos avaliar.

O segundo aspecto que marcou este encontro foi o surgimento de diferenças relativas à experiência de cada um. Trouxeram, por exemplo, o relato de uma adolescência cheia de alegrias que deixara saudades, contrastada com a adolescência dura e solitária de seus filhos. Quanto ao adolescente de hoje, alguns o descreviam como muito rebelde e outros como muito carinhoso. Nesse clima enriquecedor, ressaltamos, ao final do encontro, que o grupo havia encontrado tanto pontos positivos como negativos na adolescência de ontem e também na de hoje. Em meio a tantas diferenças e algumas dificuldades, sugerimos que refletissem sobre como é ser pai e mãe desse adolescente de hoje, tendo "sido adolescente ontem".

O terceiro encontro abordou o tema da *sexualidade* que foi trabalhado até o quinto encontro. Utilizamos a técnica de *modelagem com argila*. A subdivisão em duplas era um convite à maior comunicação e intimidade entre as pessoas. Assim, uma dupla ficaria responsável por modelar o corpo de um homem e a outra, o corpo de uma mulher. A dupla que modelou o corpo feminino não desenvolveu a tarefa em conjunto, parecendo não ter conseguido um entrosamento. Durante a modelagem, o grupo demonstrou independência em relação às coordenadoras, sem pedir instruções ou orientações.

Durante este momento, percebemos uma ambivalência, marcada por certo pudor e também por desconfiança: ora as pessoas sorriam de um jeito envergonhado, cobrindo o rosto com as mãos, ora gargalhavam e falavam alto. Talvez o grupo estivesse regredido com a adequação da técnica ao tema, ha-

vendo uma baixa nas resistências, favorecida pela atividade lúdica. Talvez a linguagem da argila permitisse racionalizar menos do que a mediação da palavra. Conversamos, então, sobre os seus sentimentos durante a modelagem, que parte do corpo mais gostaram de fazer, qual acharam mais difícil. Foi preciso fomentar a expressão de sentimentos. No início, a discussão ficou em um nível mais impessoal e generalizado. Buscamos, então, articular os comentários do grupo com a relação entre pais e filhos adolescentes. Assim, os pais puderam trazer depoimentos sobre questões relacionadas à vivência da sexualidade, à imagem corporal e suas dificuldades com os filhos. O grupo ouviu com atenção, discutindo e oferecendo sugestões. Uma das pessoas mostrou maior desembatagem na modelagem, dizendo que a parte que mais gostou de fazer foi o pênis. O grupo pareceu surpreso com a forma aberta com que ela falava.

O quarto encontro foi também dedicado ao tema da *sexualidade*. Sabendo que o assunto poderia gerar certas resistências ou constrangimentos, propusemos ao grupo a "caixinha de surpresas" para que cada pessoa escrevesse perguntas em torno de assuntos como namoro, masturbação, gravidez, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, etc. Os assuntos mais abordados foram masturbação e uso da camisinha. O grupo se envolveu, colocando opiniões, oferecendo sugestões ou pedindo a opinião das coordenadoras. Inicialmente, as questões eram colocadas para o grupo e, em seguida, as coordenadoras comentavam ou introduziam informações e esclarecimentos na discussão.

Entretanto, muitas perguntas fugiam ao tema proposto, como "Gostaria de saber se é bom ficar mais calada no local de trabalho". Talvez esse fosse o sinal de uma certa resistência em tratar do tema e talvez fosse uma demanda para nos aprofundarmos em outros conflitos psíquicos vividos pelas pessoas. Procuramos nos guiar, novamente, pela temática da Oficina, buscando privilegiar as perguntas sobre ele. O grupo foi receptivo à expressão das experiências individuais, havendo disponibilidade para ouvir, sem que ficassem se censurando. Surgiram também várias perguntas sobre limites, as quais, sugerimos que fossem abordadas no encontro seguinte.

No quinto encontro, buscando uma síntese do tema proposto, retomamos alguns pontos: a) a importância da auto-estima para o amadurecimento sexual do adolescente; b) a responsabilidade do casal na prevenção da gravidez e de DST's; c) a importância de haver abertura para se passar informações aos adolescentes; d) o respeito ao ponto de vista e às decisões do adolescente; e) o esclarecimento do direito de cada parceiro de escolher se quer ou não manter relações sexuais; f) o respeito por parte dos pais, a seus próprios limites

emocionais ou de informação.

Percebemos que o tema sexualidade não suscitava mais grande envolvimento do grupo que justificasse o prolongamento da discussão. Realizamos uma palestra interativa sobre doenças sexualmente transmissíveis, destacando as principais formas de contágio, os principais sintomas, as formas de prevenção e as possibilidades de tratamento.

Passamos, então, ao tema *limites*. Propusemos ao grupo uma "encenação", com a técnica de Role-playing, de uma situação da vida cotidiana em que a questão do limite aparecesse. Sugerimos que cada membro alternasse o papel, ou seja, ora fosse pai, ora filho. Inicialmente, o grupo não se sentiu à vontade para realizar esta atividade. Foi necessário que as coordenadoras encenassem uma situação hipotética. A partir daí, o grupo se descontraiu. Com o envolvimento das pessoas, esta técnica mostrou-se muito produtiva, permitindo abordar a vivência de cada um de forma figurativa. O grupo acolheu bem a expressão das experiências individuais, mesmo quando havia discordâncias de pontos de vista.

O sexto encontro foi integralmente dedicado ao tema *limites*. No início, as coordenadoras tiveram que incentivar a participação dos membros do grupo, que pareciam pouco participativos. A técnica escolhida para trabalhar foi a da "estrela". Após a insistência da coordenação, o grupo trouxe para discussão diversos assuntos como disciplina e obediência. Propusemos que discutíssemos também sobre autoridade, autonomia e referências morais.

Aos poucos, a discussão foi ficando mais dinâmica e produtiva. Um integrante do grupo, mais idoso, expunha seus pontos de vista com grande firmeza, chamando para si uma experiência de vida que lhe daria credibilidade. Pareceu-nos se apresentar como liderança sem, no entanto, inibir a exposição de opiniões distintas. Outra integrante, em determinadas ocasiões, era ouvida pelo grupo com reservas, possivelmente por ter posturas mais liberais do que as dos demais. Além disso, a forma provocativa como, às vezes, falava, causava incômodo, caracterizado por silêncios e pela ruptura em falas que se seguiam às suas.

Percebemos que certos termos, trazidos pela coordenação, como, por exemplo, autonomia, pareciam distantes do vocabulário do grupo. Embora tivéssemos tentado trabalhar o sentido destas palavras, o grupo não se engajou em uma discussão sobre ela, silenciando durante a exposição das coordenadoras. Ficamos apreensivas quanto à possibilidade de estarmos usando uma linguagem que não servira de base para reflexão, por ser estranha ao grupo. Embora nossas colocações trouxessem novas perspectivas do tema, houve uma discrepância entre o que a coordenação trouxe e a experiência e concepção

dos pais, com pedidos de esclarecimentos sobre termos e idéias como "obediência cega" e "autonomia".

O tema *limites* gerou no grupo muitas expectativas. Esse assunto é central na tarefa de educar, atravessando os demais temas que o grupo se propôs a discutir: sexualidade, drogas, agressividade. Além disso, aspectos peculiares ao grupo, como a prisão do filho de um casal integrante e o fato de ter sido a questão central que mobilizou a vinda de uma das pessoas, fizeram com que esse assunto ganhasse uma importância fundamental. Hávia, pois, por parte dos pais, um sentimento de impotência para lidar com a questão dos limites.

Por outro lado, convém refletir sobre nossa coordenação. Talvez em uma atitude defensiva, frente à angústia provocada por essa grande expectativa em torno do tema, tenhamos buscado, em demasia, nos apoiar em informações descontextualizadas da experiência do grupo, o que culminou num menor envolvimento com as atividades propostas. Este encontro oscilou entre momentos de intensa e baixa produção do grupo. Ainda assim, pareceu-nos que, no processo grupal, a transferência se consolidava, favorecendo a base afetiva para reflexões e expressão de opiniões. No último encontro, ao realizarmos, junto ao grupo, a avaliação das oficinas, ouvimos que esse teria sido o melhor encontro!

No sétimo encontro, para abordar o tema de *drogas* na adolescência, apresentamos o depoimento escrito de um ex-usuário. O grupo acompanhou atentamente a *leitura do caso* e, ao passarmos para a discussão, trouxe exemplos de sua experiência familiar e da de conhecidos. Sentimos que as pessoas tinham uma certa necessidade de se expressar, chegando a falar ao mesmo tempo em alguns momentos. O depoimento por si só parece ter sido suficiente para mobilizar o grupo, não tendo sido necessário recorrer a nenhuma outra técnica para dinamizar a discussão.

Cabe dizer, nesse ponto, que este encontro se realizou sob condições inteiramente diversas, nos exigindo flexibilidade e capacidade de improviso. O local onde as oficinas eram realizadas, a escola onde os filhos estudavam, estava em dia de festa. Foi necessário que improvisássemos um local sem barulho. Além disso, dois dos integrantes não puderam estar presentes. O grupo se queixou da falta dos ausentes, o que nos leva a reconhecer um clima de afetividade consolidada, a presença de vínculos.

No oitavo encontro foi discutido o tema da *agressividade* e, como seria a última oficina, foi dedicado também à avaliação do trabalho desenvolvido. Realizamos um levantamento sobre o que os participantes entendiam por agressividade e lhes pedimos que trouxessem situações que demonstrassem agressividade no cotidiano. A discussão foi produtiva, com exemplos, depoi-

mentos e reflexões. Houve troca de pontos de vista e complementações à fala do outro. Havia um clima de conciliação, talvez porque, nesse último encontro, o grupo desejasse estar bem consigo.

De fato, percebemos que havia um sentimento de perda e elaboração dessa, claramente evidenciado pela forma carinhosa como as pessoas acolheram uma integrante, que chegou um pouco atrasada. Perguntaram-lhe sobre o estado de saúde de sua mãe que, como sabiam, estava adoeitada. A integrante lamentou sua ausência no último encontro, em função deste problema, reafirmando o quanto gostaria de estar com o grupo.

Passamos, então, à avaliação da Oficina. Propusemos desenhar a *balança*, na qual representávamos tanto os pontos positivos quanto os negativos do nosso trabalho. Percebemos uma forte inibição das pessoas para falar de pontos negativos. Reativamente, enfatizavam muito os pontos positivos. Insistimos para dissessem o que poderia ser melhorado e o que acharam das técnicas utilizadas.

O grupo considerou que os principais pontos positivos foram: o encontro sobre limites; as "trincadeiras" (técnicas), principalmente a do "cego e o guia"; e o encontro sobre sexualidade, em que utilizamos a modelagem com argila. Enfatizaram ainda o envolvimento das pessoas que ficaram no grupo e a oportunidade de aprender a conviver melhor entre si. Os pontos negativos foram: barulho externo; as ausências dos companheiros de grupo; a desistência de algumas pessoas e... a promessa não cumprida pelas coordenadoras de ensinar como colocar a carnisinha!

Neste último encontro havia uma atmosfera afetiva, tanto da parte do grupo quanto da coordenação. Houve, ainda, um último momento de confiança e despedidas.

Considerações finais

Avaliando o nosso trabalho, gostaríamos, também, de apresentar pontos negativos e positivos sobre a coordenação e sobre o próprio método. Acreditamos que isto só irá contribuir para o avanço tanto da teoria quanto da prática do trabalho com grupos. Como dissemos, a Oficina envolve diferentes dimensões: terapêutica, pedagógica e ética. Ao mesmo tempo, essas dimensões se entrelaçam e se limitam. Podem variar conforme o grupo, o estilo de coordenação e o contexto.

Na dimensão terapêutica, as oficinas buscam promover a elaboração de sentimentos, pensamentos e formas de agir. Falar sobre a interação com os filhos envolve falar sobre a própria vida, remete à subjetividade, favorece a

elaboração. Em nossa experiência, conciliamos a reflexão sobre a relação entre pais e filhos adolescentes com os conflitos pessoais que, de algum modo, afetavam esta relação, e que giravam em torno de conteúdos ligados à infância e adolescência dos pais, sexualidade e família.

Sugerimos que, para trabalhar essa dimensão, a coordenação precisa estar atenta à linguagem, aos processos emocionais e inconscientes no grupo. Por exemplo, quando usamos termos novos sem contextualizá-los na experiência dos participantes, podemos provocar uma hiância na comunicação com o grupo. Também devemos evitar nos apoiar excessivamente em informações, o que muitas vezes denota uma dificuldade — ou inexistência — dos coordenadores, suas próprias defesas. A informação não pode ser usada como barreira à escuta da experiência do grupo. Pelo contrário, deve ser adaptada às demandas do grupo para que lhe sirva de motivação e reflexão. Caso contrário, o grupo pode nos colocar no lugar de donos da verdade, deixando de lado a tarefa de construção de conhecimentos.

Em alguns momentos, tivemos dificuldades para realizar esses princípios, em nosso grupo. Ainda assim, é preciso avaliar o global da Oficina e consideramos que esta comportaria um processo flexível onde o grupo caminha dentro de graus variados de dependência/ independência.

Na sua dimensão pedagógica, a Oficina é um espaço para fazer circular a palavra social, onde a informação deve ser trazida não como uma verdade absoluta mas como bem simbólico que deve ser socializado. É necessário assim que haja articulação entre reflexão e experiência, para evitar a alienação do conhecimento tomado como uma verdade neutra e absoluta. Era isto que buscávamos em "palestras interativas", onde as informações deveriam ser contextualizadas na experiência.

O planejamento dos encontros foi feito de maneira flexível, junto com o grupo, que escolheu os seus temas. Procuramos mobilizar o grupo como uma rede de interação e comunicação, ressaltando os traços de identificação e a tarefa comum, colocada como projeto. Na própria escolha de temas já surgiu o desafio de manter nossas intervenções dentro dos limites propostos no trabalho com oficinas, pois não se tratava apenas de transmitir informações e nem de fazer psicoterapia. Nesse sentido, a dimensão ética é que daria articulação entre a elaboração psíquica e a aprendizagem em grupo.

Alguns processos grupais como a identificação entre membros, a ressonância entre experiências, a expressão de solidariedade, entre outros, já surgiram no primeiro encontro e marcaram o caráter do trabalho na oficina. Também elementos de competição e conflito surgiram. Às vezes, o próprio grupo encontrava a negociação. Em outras, buscávamos os diferentes pontos

de vista envolvidos, fazendo com que o conflito se mantivesse dentro da estrutura do método, conscientes de que este é um limite que ao mesmo tempo contém e possibilita o trabalho. Dessa forma, era possível mobilizar tanto identificações e possibilidades como um recurso do grupo para seu processo de reflexão e elaboração. A flexibilidade para acompanhar a demanda do grupo sem perder a tarefa proposta é a chave para este "jogo de cintura". Ou seja, é a dimensão ética do trabalho que articula suas outras dimensões.

O maior desafio na realização de oficinas é o de escutar e reconhecer demandas que servem de base à definição de um projeto comum, que constitui um grupo enquanto tal. O grupo provoca inquietações, remete o indivíduo à sua história, requer uma reflexão sobre os modos de ação e de apreensão do mundo. Essa experiência traz a marca da singularidade e, ainda, a marca da grupalização, da construção e reconstrução de vínculos sociais.

O espaço do grupo requer cuidados por tocarmos na vida afetiva dos participantes. Alguns desses cuidados dizem respeito às técnicas que são propostas ao grupo. É preciso que haja flexibilidade e que se esteja atento à possibilidade de algumas técnicas desagradarem, inibirem ou propiciarem reações que não contâvamos.

Ao trabalhar sua relação com os filhos adolescentes, os participantes do Grupo Um se viram às voltas com suas identificações, vínculos afetivos e, também, diferenças. Representações puderam ser revistas. Esse processo de elaboração envolveu, para além do aspecto cognitivo, os sentimentos e as formas de agir. Assim, a questão dos limites emocionais do trabalho na Oficina também precisam ser colocados.

Por fim, no processo grupal, a rede de transferências é construída, dando base afetiva para a reflexão. Se isto foi positivo também nos mostrou que a oficina precisa reconhecer limites pois a demanda do grupo pode crescer para uma continuidade que, por razões institucionais, nem sempre é possível. Essa possibilidade que se abre a cada sujeito no grupo é, a nosso ver, ímpar, própria a cada um, haja vista os limites existentes nas relações interpessoais. Caminhando nesta direção, o grupo não deve ficar detido ao plano das identificações, senão fundamental uma abertura ao reconhecimento de diferenças, bem como à impossibilidade de se exterminar a angústia proveniente da relação com o outro.

Não se trata de oferecer respostas prontas para as demandas, mas de abrir um espaço à angústia que, presente nos vínculos sociais, mobiliza o grupo em direção à reflexão e à reconstrução de representações.

Bibliografia

Apresentamos aqui a bibliografia utilizada para a análise, a bibliografia de apoio em relação a técnicas de grupo, e a bibliografia de apoio para a realização de palestras interativas.

Bibliografia para análise da Oficina

AFONSO, Lúcia. "Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial." In: AFONSO, L.

(org.) *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.

COREY, G. e col. *Técnicas de grupo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ENRIQUEZ, E. "O vínculo grupal." In LÉVY, A e col. *Psicossociologia: análise e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994, pp 56-69.

FREUD, S. "O mal-estar na cultura." In: *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na cultura e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. pp 67-148. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 21)

_____. "Psicologia de grupo e análise do eu." In: *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. pp 79-154. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 18)

PICHON – RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bibliografia de apoio para técnicas de grupo

FRITZEN, S. *Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupo*. Petrópolis: Vozes, 1982, Vols. 1 e 2.

MACRUIZ, F. e col. *Jogos de Cintura*. Belo Horizonte: Escola Sindical 7 de Outubro, 1992.

YOZO, R. Y. *100 Jogos para Grupos - uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Ágora, 1984.

**Bibliografia de apoio para a realização das palestras
interativas**

- ABERASTURY, A (Org). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983
- BARROSO, C. e BRUSCHINI, C. *Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. São Paulo: Cortez, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Normas e procedimentos na abordagem do abuso de drogas*. Brasília, 1991.
- BUCHER, R (Org.) *Prevenção ao uso indevido de drogas*. Brasília: UNB, 1989. Vol. 2.
- CHAVES, J. *"Ficar com?": um novo código entre jovens*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- ESTADO DE SÃO PAULO. Conselho Estadual de Entorpecentes. *Pense nisso: drogas, como compreender? O que fazer?* São Paulo, s/d.
- GONÇALVES, B. D. *Agressividade na adolescência*. Belo Horizonte, Pas-toral do Menor, 1997, mimeo.
- MACHADO, Júlio César F. *Sexo com liberdade*. Belo Horizonte: Fênix, 1998.
- MUSSEN e col. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Harbra, 1988
- STORR, A. *A agressão humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

AFONSO, Lúcia (Org.). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.